

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	07.05.96	
Caderno	1	Página 3
Seção		
Assunto	Habitação	

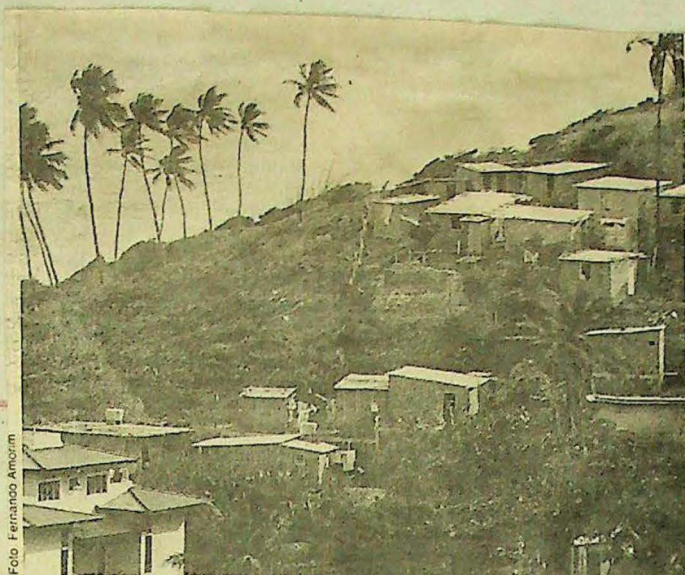


Foto: Fernando Amorim

A invasão ocupa área nobre, entre o Zôo e o Palácio de Ondina

Invasores não querem deixar Alto de Ondina

Os moradores da Invasão Alto de Ondina, localizada em área próxima ao Jardim Zoológico, não querem sair da área. O diretor do Zôo, Edmir Ferraz, afirma que em janeiro passado grande parte da região foi cercada e aproximadamente 100 casebres foram cadastrados pela Urbis. Na verdade, a ocupação no Alto de Ondina, segundo os invasores, começou há cerca de 10 anos. Há dois anos, o processo de ocupação aumentou, inclusive registrando-se conflitos com policiais. Os moradores da invasão afirmam que apenas uma parcela dos que moram no local está ameaçada de ser transferida. Eles querem continuar na área, mas temem que sejam expulsos.

A empregada doméstica Diva Rodrigues, 48 anos, estima que no local existem mais de 500 casas. Ela foi cadastrada pela Urbis, mas afirma que desejaria ficar no Alto de Ondina. Segundo Diva, que mora há um ano na invasão, por duas vezes houve tentativa de expulsão dos ocupantes. Em março passado alguns barracos chegaram a ser derrubados.

Os moradores da invasão Alto de Ondina não diferem muito do padrão de outras invasões. Oriundos de bairros periféricos ou do interior do esta-

do, vivem geralmente de biscates. No caso das mulheres, predominam as ocupações de faxineira, lavadeira ou empregada doméstica. Como o número de filhos é grande, não são poucas as que vivem em casa, trabalhando nos afazeres domésticos.

PERIGO

O risco de deslizamento e desabamento ronda alguns barracos que foram construídos em terrenos de declive. Os moradores afirmam que temem as chuvas, mas que não têm para onde ir e aguardam a decisão da Urbis.

"O sonho de todo mundo é ficar aqui com luz, água e sem perseguições", acentua Reinaldo Santos, 27 anos, auxiliar de escritório, que mora na área com mulher e filho. Santos saiu de Itaberaba, interior da Bahia para "tentar a sorte na cidade grande" e acabou morando na invasão.

Dinalva de Oliveira Silva, 35 anos, também veio do interior. Ela afirma que vendeu tudo que tinha em Ituberá, "com esperança de que aqui tudo fosse melhor e hoje só faço me arrepender". Com sete filhos, vive do salário de seu marido, que é pedreiro e biscateiro.